

REFLEXÃO SOBRE OS PROBLEMAS DE **REPRODUÇÃO ASSISTIDA** E CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA,

TENTANDO UMA LEITURA PSICANALÍTICA ATUALIZADA DA QUESTÃO

María José Valcárcel
(ICHPA)

Silvia Bleichmar, em seu livro *As teorias sexuais na psicanálise* (2014), tenta estabelecer alguns “organizadores do funcionamento psíquico” (p.13), marcos ou guias, imagino, que ainda são muito eficazes, e outros que podem ser reciclados de alguma forma, para pensar sobre as subjetividades atuais e como concebemos hoje o encontro com os outros, especialmente o encontro sexual. O autor, tomando Laplanche, pensa no edípico a partir do olhar de um adulto sobre a criança, destacando aquela assimetria inescapável do humano da qual surge o problema da sedução e como este encontro original assimétrico pode representar para o adulto uma apropriação e um prazer: o interessante aqui é perguntar como a cultura coloca um limite a isto. Será o desdobramento do próprio inconsciente do adulto, inserido em sua própria história e cultura, que contribuirá para o ponto de partida da nova psique, que é relevante para colocar em movimento e testar as identificações mais rudimentares da criança com seus primeiros objetos. Surge então a questão desta característica fundamental da configuração psíquica infantil, e de quanto e como ela nos transporta em algum momento para uma psicanálise que também pode ser historicizada através das diferentes gerações. Portanto, a questão que se abre é como certas mudanças sociais e novas formas de se relacionar com o mundo são reunidas em nossa história psíquica individual; como certos pilares psíquicos são identificados diante da permanente e exigente renovação que a realidade propõe e que, no final, levam à mistura e ao desprendimento de antigas e novas modalidades clínicas.

Neste breve ensaio, vou tentar me deter em alguns processos psíquicos fundamentais e constitutivos, que serão matizados com aspectos de nossa cultura, especialmente no que diz respeito à forma como nos construímos hoje como sujeitos do inconsciente, diante das novas realidades tecnológicas e sociais. Especificamente, abordarei algumas idéias sobre o problema da reprodução assistida, suas repercussões na constituição psíquica, especialmente em termos de identificações primárias e o problema da inscrição psíquica da ausência, do negativo

Silvia Bleichmar (2014) refere-se a uma sexualidade que está sendo questionada atualmente devido aos avanços tecnológicos, o que levou a novas opções em termos de reprodução humana. Hoje, o mercado oferece a possibilidade de novas intervenções para a procriação, tais como bancos de esperma, onde são oferecidos doadores, protótipos de “pais biológicos”, a fim de poder gerar filhos através de inseminação intra-uterina ou fertilização in vitro. Isto, se pensarmos nisso, torna-se pelo menos complexo e paradoxal em termos das teorias conhecidas de configuração psíquica: como Bleichmar ironicamente coloca: “a humanidade passou muitos séculos tentando ter relações sexuais sem gerar, mas agora está considerando gerar sem ter relações sexuais” (p. 15).

Deixando a ética de lado, é interessante pensar como este panorama reflete uma tendência onde o sexual não é dispensado, mas empurrado para novas configurações marcadas talvez pelos dilemas narcisistas nos quais os principais referentes parentais estão ancorados. Eu me pergunto, como pensar nessas novas paternidades trazidas pela tecnologia ginecológica, como pensar na implementação das identificações primárias e subjetivação dessas novas crianças; porque o que pretende ser tecnologia e biologia pura, na realidade seria negociado através de certas opções que configuram a psique, mas de uma forma negada e/ou velada? Por exemplo, encontramos uma pessoa tentando escolher células, na frente de uma tela, colando imagens, dados biográficos e etnográficos, no estilo Tinder. Mas talvez haja algo de repúdio, pensando na natureza angustiada e des-subjetivada deste ato no qual o encontro com o outro é desconhecido, ou se pretende objetivar de forma parcial ou fragmentada, sob a ilusão de dominação biológica. Assim, um narcisismo exacerbado é desenhado, onde neste encontro fragmentado e mercantilizado, pode-se escolher alguém/alguma coisa através de uma imagem virtual que se torna especular, sinistra, ou pelo menos idealizada, de um “pai” que não é tal, mas que combina com a própria psique. Existe alguém por trás desta tela, o que marca este clique, é um encontro com outro ou quem é este outro? Podemos supor, por um lado, que neste complexo movimento psíquico há uma queda do investimento narcisista, esmagado pelo narcisismo parental; como se por trás disso, uma imagem tremendamente deteriorada do eu prevalecesse, uma vez que a inibição auto-erótica supostamente alcançada na vida adulta foi desregulamentada (Bleichmar, 2014).

Mas se o que nunca deixa de ser instituído na constituição psíquica é a assimetria da prole humana em relação ao adulto, podemos imaginar aqui, nesta cena de procriação mercantilizada, um adulto que, antecipando e fantasiando unilateralmente uma criança diante de um computador, cumpre a função que, em vez de distinguir ou humanizar, lança a criança em um lugar desumanizado; precisamente, não dá a possibilidade de elaborar certas assimetrias e diferenças, que poderiam finalmente resultar nas próprias características da criança, e que poderiam levar a doenças ou falhas, mas também em uma espécie de diferenciação daquele sujeito e, portanto, uma apropriação e autonomia sucessiva do desejo dos pais, ou da cultura que os abriga. Ao fingir navegar nas águas do desejo e da diferenciação, é como se o contrário fosse o caso, algo falha no desejo desta criança, que permanece marcada pela negação das características herdadas de seus pais, negando toda vulnerabilidade e a presença de certos conteúdos. Um doador, que deve ser apresentado sem qualquer “culpa”; uma mãe sujeita a uma escolha que em algum momento foi um impedimento, e finalmente, uma cultura onde a onipotência desafia qualquer possibilidade de corte, uma vez que realidades como a infertilidade estão sendo lidas como apenas mais um evento cotidiano que pode ser remediado e resolvido através da compra. Portanto, não há espaço para a castração, há uma projeção dirigida pelo desejo de controlar que todo defeito, toda assimetria, mesmo certos afetos, não são atualizados, pois

parece que se tenta fugir do próprio vazio psíquico; dos vazios também que a cultura expulsa, enchendo-os desesperadamente com objetos mais resistentes e poderosos, doenças e à prova de problemas.

Neste sentido, poderíamos pensar que nesta diferente experiência de concepção, que tende a ser dessexualizada, existe algo desta “imagem virtual” do doador que funciona como uma fonte muito fragmentada de identificação do paternal e ao mesmo tempo aliada, na própria doação, a algumas especificidades da psique materna. Podemos ver que um processo específico de metabolização é posto em marcha para esta criança, de uma geração particular e não geradora, de uma paternidade constitutiva, mas ao mesmo tempo não constitutiva de sua psique, já que não apenas uma imagem, mas também um relato a posteriori será colhido deste encontro virtual, atravessado pelo inconsciente individual da mãe, e o referente social ou cultural que o inclui. E então penso como estas circunstâncias podem criar certas lacunas de inscrição naquela criança, como algo do negativo descrito por André Green (2006). Estas lacunas psíquicas, em torno de um doador completamente objetivado, ou um encontro sexual impossível, matizada por todas as tentativas de “controle” pela mãe, que tenta excluir qualquer coisa que possa tornar-se ameaçadora, marcarão a psique e, em particular, a sexualidade da criança assim concebida. Da mesma forma, se tomarmos este cenário como um retrato de outros cenários atuais, é impressionante pensar nestas novas paternidades que estão surgindo. Eles estão ligados a tentativas exacerbadas de controle que contrastam, em paralelo, com vazios psíquicos que são gerados em seu reverso, sem serem inscritos precisamente como ausências, mas sim como presenças negativas, das quais um doador de esperma seria um representante fiel.

Por outro lado, uma espécie de queda dos genitais, da dupla, se desdobra, onde os sujeitos tendem a retornar ao caminho auto-erótico, como se grande parte do desejo que mobiliza a satisfação com um outro estivesse em declínio, como uma espécie de velhice em que uma criança é recebida ou o mundo é recebido. Mas o que é que foi esgotado no sexual para o sujeito e o que é que foi esgotado para uma nova criança, em seu futuro encontro com o objeto externo; o que é que está sendo delimitado em contraste com esses vazios psíquicos?

Como vemos nos processos de procriação assistida, o poder e a ação ligados à figura masculina e fállica parecem francamente desafiados. Nesta escolha de doador, vemos que não há ligação com o objeto, mas o anobjeto também não tem precedência, e pode até ter um rosto, uma imagem associada a ele. É interessante pensar, portanto, como se inscreve este tipo de herança paterna do doador de esperma, como se instala o sexo masculino, a partir desta corrente onde se acentua a imagem, os dados biológicos brutos e o auto heroísmo. Aparentemente, isto não teria a ver com o colapso completo da genitalidade, já que, como diz Bleichmar (2014), isto “continua a ter uma função como paradigma do vínculo com o semelhante” (p.49); no entanto, em tempos em que o gozo é liberado, o encontro sexual se torna insatisfatório e haveria uma reviravolta no senti-

do de uma maior fusão. Não é por acaso, portanto, que nosso olhar social dos últimos tempos se volta, por sua vez, para o lado feminino, para os feminismos, para a fusão maternal, e se afasta ainda mais dos dilemas propostos pelo masculino.

Agora, o que é que hoje dita uma posição mais ativa; que riscos corremos de falta de referências do ativo-masculino desde a origem? Bleichmar (2014) liga o masculino a uma idéia muito freudiana, que é a hostilidade para com o pai; se partimos daí para pensar em origens psíquicas, é lógico parar, então, no confronto geracional, o que permitirá uma posição ativa e menos mimética. Entretanto, no que diz respeito à identificação primária, o autor diz, novamente tomando Freud, se num modelo mais adulto ou ligado à melancolia, o sujeito torna-se o objeto perdido, pois este último “habitou-o além da presença real de si mesmo” (p.149), isto também é válido para a criança que vai tentar ficar solidamente diante do mundo: a imagem do outro pode ser preservada dentro dele. Sublinho aqui que ela *pode ser preservada*, pois me pergunto que formas de preservação psíquica estão ligadas a estas construções que fazemos de uma origem da psique marcada pelo negativo, pelo vazio psíquico, especialmente em termos do paternal e suas repercussões nas configurações primárias ligadas a este referente, que também se situa em contextos de capitalismo exacerbado e narcisismo.

O referente paterno, então, me parece fundamental, como implicará para uma criança, não apenas um corte posterior do elo primário fundido, mas também uma importante fonte de *conteúdo psíquico*, eixos libidinosos que determinarão sua posterior busca pelo objeto, inaugurando e alimentando os traços mais fundamentais da inscrição psíquica. É uma espécie de aspiração amorosa primária, que, mais do que um rival, coloca o pai como fonte de potência, e de atividade erótica que aparentemente também fortalece o indivíduo para enfrentar suas ameaças mais fundamentais, de impotência, quando ele sai para o mundo. Quanto às identificações primárias, Bleichmar (2006) afirma que elas se tornam impossíveis, e também precisam do gozo do pai, não apenas da mãe, nos cuidados mais precoces. Esta identificação primária com um pai mimético permitirá mais tarde a construção de outros tempos de identificações, dos quais surgirão diferenças de gênero, diferenças anatômicas e outras identificações secundárias.

Finalmente, estou pensando no processo de *narcisização* e investimento primário da criança, e na necessidade do objeto progenitor, de sua geração anterior, ser confrontado, mas não cegamente desafiado, porque a identidade pende por um fio delicado em termos de ligação e desvinculação, conservação e perda de objeto, lacunas identificadoras e excessos, para que a libido possa se mover mais ativamente e mais amplamente. Talvez se possa pensar que, ao invés de identificações ou mimetismo, uma psique poderia aderir a certos elementos vazios, que empobrecem seu mundo e o deixam eternamente fundido de forma enigmática e encriptada, mas ao mesmo tempo expulso de sua história, e a partir daí se arrasta e se defende.

Referências bibliográficas

- Bauman, Z. e Dossal, G. (2017) O retorno do pêndulo. Sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido (2ª reimpressão). Espanha: Fondo de Cultura Económica.
- Bleichmar, Silvia (2014). As teorias sexuais em psicanálise. O que resta deles na prática atual. Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, Silvia (2006). Paradoxos da sexualidade masculina. Buenos Aires: Paidós.
- Green, André (2006). O trabalho do negativo (1ª reimpressão). Buenos Aires: Amorrortu.